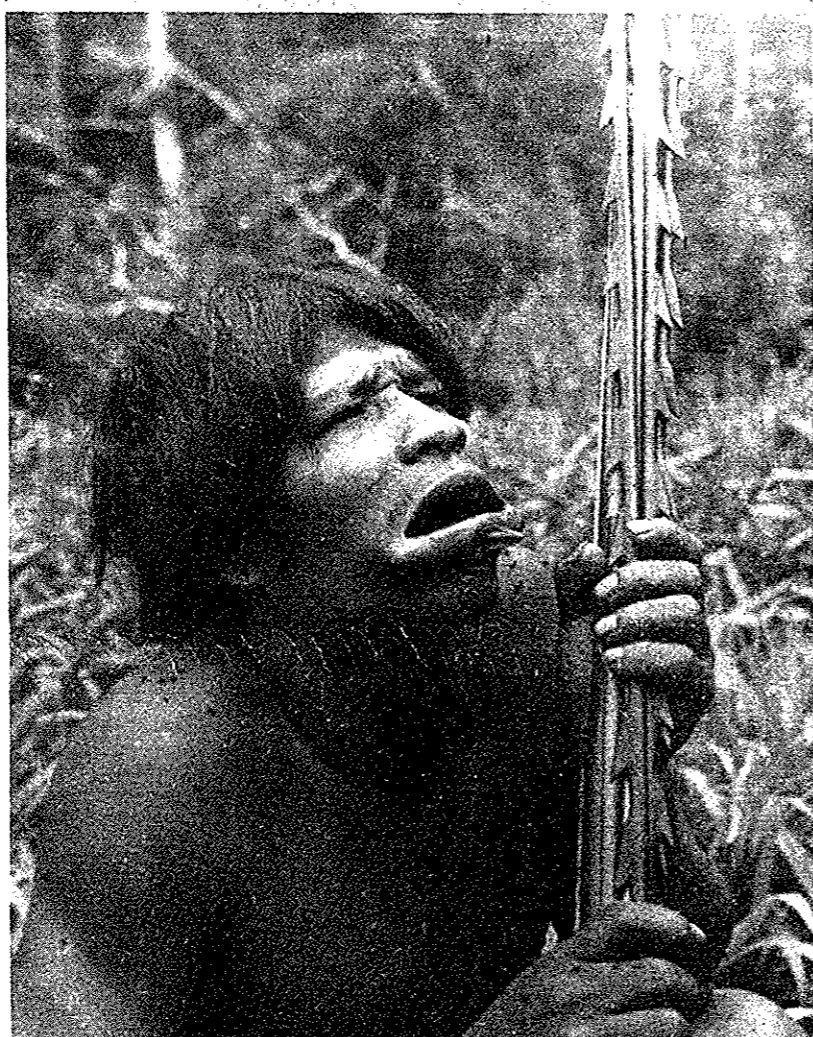


De uma tribo seminômada, composta por índios caçadores e colhedores, restam somente cinco membros. Isso, apenas trinta anos depois da realização da primeira expedição para contato com os índios Xetás. Leia abaixo, em relato do repórter Francisco Jorge Tessari, com fotos do acervo da municipalidade de Umuarama, matéria completa de como os Xetás chegaram à situação atual de quase extinção.



Nos primeiros contatos, uma tribo que vivia na idade-da-pedra.

# Xetás, uma tribo em extinção

No próximo mês de outubro, completa-se o 30º aniversário da realização da 1ª expedição organizada pela Universidade Federal do Paraná, para contato com os índios Xetás, no município de Umuarama, um grupo indígena brasileiro da era pré-cabralina e sobre o qual jamais nenhum etnólogo pusera os olhos. Já naquela época, o professor José Loureiro Fernandes, titular da Cadeira de Antropologia da UFPR, previa com precisão os riscos de extinção da raça, diante do acelerado processo de colonização ao redor das florestas tropicais da Serra dos Dourados, onde cerca de 250 Xetás viviam em harmonia com a natureza, empregando sua tecnologia da idade-da-pedra.

Três décadas depois desse primeiro contato oficial com o homem branco, os Xetás estão praticamente extintos. Segundo a Divisão de Cultura do município de Umuarama, restam apenas 4 homens, casados com mulheres brancas e totalmente distante de sua vida e cultura nativas, e uma mulher, infelizmente estéril. Cumprir-se mais uma vez o trágico destino da comunidade indígena, que se repete desde o início das grandes navegações: a extinção física e cultural, seja pelo genocídio sistemático, através do combate desigual, ou pela tutela dúbia, que ora o protege, ora o escraviza.

Da presença dos xetás, restam, apenas o material coletado pela Universidade Federal, por intermédio de estudos etnológicos e linguísticos, coleta de artefatos, fotografias e gravação de sua música, durante as quatro expedições realizadas, até janeiro de 58. Chegou-se a mobilizar-se, ainda, na década de 50, um movimento em defesa dos remanescentes dos xetás, cuja tribo, supõe-se, é originária das florestas de Mato Grosso. Tentou-se, com o apoio da União Internacional das Ciências Antropológicas e Etnológicas, da Associação Brasileira de Antropologia e do Congresso Internacional de Americanistas, que o governo federal e estadual ativassem mecanismos de proteção aos xetás, como a criação de uma reserva florestal na área, mas foi tudo em vão.

## CONTATOS INICIAIS

Os primeiros indícios da presença dos xetás aconteceram em 49, logo depois que empresários de origem nipônica tentaram a divisão da área em glebas e comercializá-la, para exploração de atividades agropecuárias. Logo notícias sobre a existência de índios "selvagens" correram todo o Paraná. Diante do acesso difícil, à Serra dos Dourados, pelo acentuado relevo, altos divisores de água e a floresta quase impenetrável, passaram-se três anos sem que se pudesse comprovar a veracidade da presença indígena.

Finalmente, em 1952, colonizadores conseguiram apanhar um pequeno índio, com cerca de 10 anos de idade, entregue depois à Sétima Inspetoria do Serviço de Proteção ao Índio, em Curitiba. Meses depois, outro jovem índio, aprisionado na mata, quando colhia, na copa de uma árvore, frutos silvestres, também seguiu para Curitiba, onde é

criado por Deocleciano de Souza, então chefe da Sétima Inspetoria do SPI. Os xetás, batizados Tucanambá e Guayra, embora retraídos, tornaram-se intérpretes valiosos para as sucessivas expedições que o Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná realizou na região da Serra dos Dourados.

O professor José Loureiro narra, no livro "Os índios da Serra dos Dourados", que, após esses fatos, "não são mais encontrados índios xetás na zona de penetração que importunem os desbravadores. Continuam, porém, registros muito positivos sobre sua permanência na região".

Cada vez mais encerrados pelas frentes de colonização que avançam rapidamente, os xetás começam a enfrentar os primeiros problemas para manter ao menos seu sustento, constituído por carne de animais selvagens, larvas cruas, frutos, tubérculos, raízes, medula de palmeira, mel, lesma de pau podre, macaco, cobra e como bebida, a erva-doce.

A presença barulhenta e destrutiva do homem-colonizador espanta os animais e aves, e diminui a oferta de carne na floresta. A derrubada das árvores e os incêndios para preparo do solo, extinguem as frutas e outra boa parte da alimentação dos indígenas. Finalmente ocorrem as fortíssimas geadas de 1953 e 1955 que levam a situação para um estágio crítico. Assolados pela fome, os xetás não têm escolha, superam todo seu medo e penetram na fazenda Santa Rosa, para obterem a medula da palmeira. Bem recebidos pelo administrador, Antonio Lustosa de Freitas, se abastecem e retornam a mata, mas periodicamente voltam a fazenda.

Em outubro de 1955, José Loureiro e mais alguns companheiros realizam a primeira expedição, encontrando oito acampamentos. "Podemos assim comprovar que se tratava de um grupo mantendo-se em estado de cultura primitiva, segregado naquela área da floresta tropical, o qual devia viver em plena cultura lítica, pois em todos os acampamentos visitados e estudados, não nos foi dado encontrar qualquer elemento que revelasse contatos com os agrupamentos humanos da civilização brasileira existentes nas regiões circunvizinhas", descreve o chefe da expedição.

## VIDA RÚSTICA

Seminômades, os xetás erram pelas matas a procura dos produtos naturais necessários a sua vida, pois constituem um grupo étnico coletor e caçador, e era extremamente difícil encontrá-los. O grupo localizado pela expedição é constituído por apenas 60 pessoas, mas as informações conseguidas são extremamente ricas e detalhadas. Os etnólogos e antropólogos conhecem o cotidiano da vida rústica dos xetás. Todos seus recursos alimentares provêm da floresta, e as mulheres, em média com 1,40 metro de altura e sempre nuas, se dedicam especialmente as atividades da colheita dos elementos vegetais. Os homens, nesta ocupação, restringem-se apenas a procura

do mel e a recolha de favos. A preocupação absorvente dos homens adultos é a caça, feita com arco e flecha ou armadilhas.

A conservação do fogo era uma preocupação constante do grupo. Quando se deslocam, transportam sempre um tição aceso, a fim de reacenderem a fogueira necessária para preparo dos alimentos, "pois a obtenção do fogo exige da parte dos homens o emprego do aparelho ignígeno, por movimento giratório simples, no qual a peça vertical de madeira gira entre as palmas das mãos, um processo laborioso e que frequentemente exige, por alguns minutos, o esforço conjunto de dois homens", registrou José Loureiro. Apesar da água cristalina em abundância, os xetás consumiam diariamente erva-mate, cujas folhas após secas e socadas num pilão, eram misturadas na água fria.

Habitavam cabanas circulares (tapuy), feitas de galhos e cobertas com folhas de palmeira, e como a busca de alimentos exigia deslocamento constante no interior da floresta, mantinham vários acampamentos na selva, distantes na maioria cinco quilômetros um do outro. Confeccionavam cestas e esteiras para dormir com folhas das palmeiras que proliferam na floresta. Como não conheciam a técnica da cerâmica nem da impermeabilização dos cestos, eram pobres em reci-

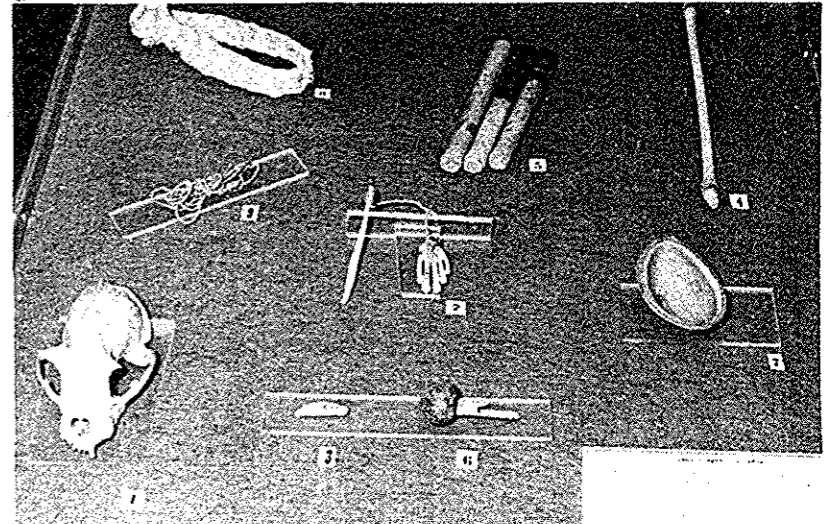
ipientes líquidos. Seu instrumental era rudimentar e constituído de implementos feitos de pedra, ossos e dentes. Entre as atividades manufatureiras das mulheres figura também a fição. A matéria-prima era retirada das fibras de bromeliáceas de longas folhas que atingiam 2 metros de comprimento.

Em seu livro, Loureiro destaca que como manifestação artística "merece uma referência inicial a habilidade que tem de produzir com notável realismo, formas de animais, modelando-os na cerca escura que retiram das colméias das abelhas silvestres da região". No entanto, tudo isto foi destruído pela raça branca. A ganância do homem "civilizado" acabou com a floresta, com os animais e com a flora. Surgiram as cidades, instalaram-se imensas plantações principalmente de café e a maioria dos xetás fugiu, embrenhando-se na selva que ainda restara. Os que permaneceram, sem dispor das fontes naturais alimentares, acabaram contratados pelos colonizadores para trabalharem nas fazendas em troca de comida, abrigo e roupas. Influenciados pelos brancos, descaracterizaram-se desligando-se totalmente de sua cultura e padrões de vida nativos, muitos morreram, vitimados pelas doenças trazidas pelos desbravadores, como a tuberculose.

## Umuarama resgata história

As vésperas de completar 30 anos de fundação, Umuarama ativa uma campanha realmente determinada em resgatar sua memória. A preocupação é de reunir material suficientemente capaz de atuar como fonte de pesquisa, principalmente para a classe estudantil. Dentro desta meta defendida pelo prefeito Antonio Romero Filho, sai ainda este mês a tel que cria oficialmente o Museu de Umuarama. Os Xetás terão um espaço importante neste trabalho, segundo adiantou a professora Armelinda Michelin, chefe da Divisão Municipal de Cultura, organizadora do projeto e que já coletou um precioso e volumoso acervo sobre a presença destes indígenas na Serra dos Dourados.

Na Universidade do Paraná, no Museu Paranaense e no Museu de Paranaguá, foram conseguidos livros do professor José Loureiro, descrevendo as expedições, além de inúmeras outras publicações sobre os Xetás,



Artefatos da tribo Xetá.

bem como dezenas de fotografias desta mesma expedição, revelando o cotidiano dos índios na floresta tropical. Ainda este ano deverão juntar-se ao museu umaramense, as fitas

com as vozes dos Xetás entoando suas canções e filmes mudos das expedições. O mais difícil está sendo a obtenção de objetos construídos pelos Xetás, "mas estamos confiantes de que assim que for instalado o museu, algumas peças que encontram-se de posse da família dos pioneiros, serão cedidas ao acervo municipal", acredita Armelinda.

Numa das salas do Museu Paranaense, por exemplo, encontra-se uma grande variedade de objetos da tribo Xetá, recolhidas pelo explorador e cinegrafista polonês Wladimir Kozak, mas que com sua morte e a ausência de herdeiros, acabaram há 7 anos na mão da justiça, e infelizmente tudo leva a crer que esta situação perdurará eternamente. "O mais triste de tudo isto — conclui Armelinda — é que este material extremamente rico, poderia contribuir em muito neste projeto que Umuarama está realizando, mas tudo indica que um acervo tão importante continuará longe do público, trancado numa sala escura".



A 1ª expedição, chefiada por José Loureiro.